



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

TCC - Artigo

**O GÊNERO CRÔNICA E A PRÁTICA ESCOLAR A PARTIR DE UMA CRÔNICA
DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO**

MÁRCIA MARIA PALHARES

LAVRAS - MG

2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

TCC - Artigo

**O GÊNERO CRÔNICA E A PRÁTICA ESCOLAR A PARTIR DE UMA CRÔNICA
DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Lavras como atividade avaliativa da
disciplina Metodologia de Pesquisa em
Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Silveira

MÁRCIA MARIA PALHARES

LAVRAS - MG

2021

MÁRCIA MARIA PALHARES

**O GÊNERO CRÔNICA E A PRÁTICA ESCOLAR A PARTIR DE UMA CRÔNICA
DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Lavras como atividade avaliativa da
disciplina Metodologia de Pesquisa em
Letras.

Aprovado em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Silveira
Presidente – Universidade Federal de Lavras

Profa. Dra. Gabriela Farias da Silva
Universidade Federal de Lavras

Profa. Dra. Mariana Aparecida de Carvalho
Universidade Federal de Lavras

LAVRAS - MG

2021

O GÊNERO CRÔNICA E A PRÁTICA ESCOLAR A PARTIR DE UMA CRÔNICA DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

Márcia Maria Palhares¹

RESUMO

Apresenta um estudo sobre o gênero crônica e seu ensino a partir da crônica de Luis Fernando Veríssimo, "O homem trocado". Mostra a importância do ensino de crônicas em sala de aula e como o seu estudo possibilita ampliar a compreensão na leitura, além de melhorar as habilidades dos alunos no trabalho de produção textual. Trata-se de um estudo qualitativo a partir do estudo da crônica escolhida. O estudo ainda elenca outros autores teóricos que trabalham o mesmo gênero e apresenta os seus conceitos. A crônica escolhida apresenta a tipologia humorística como característica principal, retrata o cotidiano, com acontecimentos atuais e de interesse social, com um tema diferente, que pode ser trabalhado em sala de aula. Conclui-se que ensinar o gênero textual crônica, por seu caráter informativo, descontraído, no ambiente escolar, torna-se uma ferramenta educacional, que serve para desenvolver, nos alunos, a prática da leitura oral e da escrita, sobretudo, de maneira independente e prazerosa.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Crônica Brasileira. Educação. Humor. Leitura.

THE CHRONICLE GENRE AND SCHOOL PRACTICE BASED ON A CHRONICLE BY LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

ABSTRACT

It presents a study of the chronicle genre and its teaching based on Luis Fernando Veríssimo's "O homem trocado". It shows the importance of teaching chronicles in the classroom and how their study makes it possible to increase comprehension in reading, as well as improve students' skills in working on textual production. This is a qualitative study of the chosen chronicle. The study also lists other theoretical authors who work with the same genre and presents their concepts. The chronicle chosen

¹ Graduanda do 8º período do Curso de Letras/Português da Universidade Federal de Lavras.

presents the humoristic typology as its main characteristic portrays daily life, with current events and of social interest, with a different theme that can be worked on in the classroom. It is concluded that teaching the chronicle textual genre, due to its informative, relaxed character, in the school environment, becomes an educational tool, which serves to develop, in the students, the practice of oral and written reading, above all, in an independent and pleasurable way.

Keywords: Brazilian Literature. Brazilian Chronicle. Education. Humor. Reading.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um estudo sobre uma crônica escrita pelo gaúcho Luis Fernando Veríssimo. A interpretação da crônica escolhida apresenta a pesquisa em si, ou seja, uma análise sobre o contexto, a métrica, o estilo e as características da crônica e seu ensino na prática escolar.

Escolheu-se uma crônica de humor que, segundo Ferreira (2014), apresenta uma visão irônica e cômica dos fatos. O texto pode ser um comentário, um relato ou até um conto do dia a dia. O objetivo da crônica, nesse ínterim, é levar o leitor ao riso, por meio de um discurso explícito ou implícito, tendo o leitor que entender o sentido literal. O humor, nesse sentido, pode estar ligado à crítica, sobretudo, em situações corriqueiras.

A crônica escolhida para este estudo caracteriza-se por um gênero discursivo escrito com tipologia descritiva e humorística. Na análise da crônica citada, relatam-se os sentimentos expressos, avalia-se o comportamento dos personagens, identificam-se os fatos do cotidiano, e a linguagem usada, em sua maioria, é informal, curta, direta, próxima ao leitor.

É interessante ressaltar que a escolha pelo autor, Luis Fernando Veríssimo, se deu pela sua representatividade no cenário da literatura brasileira, por ser um dos autores contemporâneos de grande expressão e que ainda é atuante, com publicações diárias em grandes jornais do Brasil, tais como: Zero Hora, de Porto Alegre; O Globo, do Rio de Janeiro e O Estado de São Paulo, de São Paulo. E, no seu espólio bibliográfico, ele publicou inúmeras crônicas, tema este que contempla bem o que aqui será estudado.

A métrica da crônica é interessante por justamente ser livre, de forma popular, criativa, com linguagem tanto coloquial quanto informal, mas de forma leve

e com pitadas de humor. Diante disso, é um estilo literário agradável de ser ensinado em sala de aula, pois pode aguçar a criatividade dos estudantes, promovendo um aprendizado dinâmico e ativo.

Nota-se que a crônica é um dos gêneros textuais que são ensinados no Ensino Fundamental e retrata a realidade da vida, com uma linguagem despretensiosa, com temas simples, bem diferente da dos textos clássicos.

Embora seja um gênero literário que circule mais em jornais, com temas do correntes, os autores costumam explorar o comportamento humano diante de diversas questões: individuais, coletivas, artísticas, sociais, políticas, artísticas, entre outras, mas que tenham o ser humano como foco.

Diante da realidade do ensino que se apresenta, este estudo objetiva ensinar crônicas da crônica de Luis Fernando Veríssimo e visa a desenvolver, nos alunos, a prática de leitura oral e escrita, de maneira independente e prazerosa, além de ampliar a compreensão na leitura e melhorar suas habilidades de produção textual.

Emprega-se uma metodologia que se relaciona à análise interpretativa da crônica escolhida, pois se trata de um estudo qualitativo que aborda os aspectos da realidade que não podem ser quantificados e centra-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

A crônica escolhida apresenta a tipologia humorística como característica principal e, para embasar este estudo, elencam-se outros autores teóricos, dentre eles, Coutinho, Bakhtin, Fargoni, Arrigucci e Cândido, que definem o gênero e seus conceitos. A crônica escolhida apresenta característica que retrata o cotidiano, os acontecimentos atuais e de interesse social, além de um tema que pode ser trabalhado em sala de aula, propiciando o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa.

E, para este estudo, foi escolhida a crônica "*O homem trocado*", publicada em 2001, no livro "*Comédias para se ler na escola*". A escolha desta crônica deu-se, justamente, por ser uma crônica com tema diferente, porém, com pitada de humor suave e sem maledicência.

A escolha por estudar a crônica de Luis Fernando Veríssimo ora citada deu-se devido à constatação de que o autor, em seus textos, relata fatos de forma descritiva e humorística, o que possibilita ensinar ao aluno, de forma mais simples,

as peculiaridades tipológicas que caracterizam as crônicas, ou seja: narrativa, descritiva, dissertativa, reflexiva, lírica-poética, humorística, jornalista e histórica.

Dessa forma, este estudo possibilita estabelecer as características para a tipologia humorística encontrada na crônica estudada.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A palavra crônica vem do grego *chronikós*, que significa "tempo"; no latim, *chronica*, ou seja, um gênero textual em que a questão temporal é fundamental (PORTILHO, 2013). Ao longo do tempo, a crônica passou por inúmeras mudanças que acabaram por criar um gênero genuinamente brasileiro.

O gênero possui uma relação estreita com o tempo, expressa em sua etimologia, pois a palavra, crônica "tem origem em Cronos, o tempo. Na mitologia grega, Cronos ocupa o lugar de vilão: ele trai os pais Urano e Gaia e se casa com a irmã Reia, a fim de ocupar o trono no Olimpo. Urano e Gaia rogam-lhe uma praga, segundo a qual seus próprios filhos o derrotariam. Para que o desígnio não se cumpra, Cronos devora um a um dos seus próprios filhos ao nascerem. Reia, porém, consegue enganar Cronos e, ao dar à luz, dá-lhe de comer uma pedra. O filho poupado da morte é Zeus, que, tempos depois, oferece uma droga ao pai e o faz vomitar todos os filhos devorados, os quais, unidos, derrotam o pai após uma sangrenta guerra segundo Bender e Laurito (1993 apud SILBERT, 2014, p. 676).

Historicamente, a crônica brasileira sofreu influência de fatos históricos, como é o caso do descobrimento do Brasil, em que Pero Vaz de Caminha escrevia as crônicas da viagem, além de produzir um texto com a intenção de noticiar e registrar os fatos históricos (SILVEIRA, 2013). Com o advento da imprensa, a crônica começou a ser explorada no Brasil de forma que se estabeleceu como é o conhecimento atual. Ainda assim, a crônica brasileira desenvolveu-se paralelamente ao fato de os jornais passarem a ter um caráter industrial, isso, em plena vigência do Romantismo (RUFFATO, 2021).

Já em meados do século XX, o gênero crônica adequou-se completamente ao modelo brasileiro, o que acabou chamando a atenção dos autores modernistas da época, tais como: Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, entre outros.

O gênero crônica, já consolidado no século XX, passou a ter uma aceitação geral e isso provocou a união de vários escritores, os quais publicavam

semanalmente em colunas de jornais. Dentre eles, podem-se destacar: Fernando Sabino, Otto Lara Rezende, Cecília Meirelles, Guimarães Rosa, Carlos Heitor Cony entre outros.

De acordo com Coutinho (1986), a crônica, ao moldar-se ao “jeitinho brasileiro”, caracteriza-se por englobar assuntos distintos e diversificados com um leque de temas imenso, abrindo possibilidades de trabalharem-se os temas.

Bakhtin (1992) afirmou que a crônica é vista como um produto social, heterogêneo, dividido em primários e secundários, sendo os primários com comunicação verbal não elaborada e os secundários estabelecendo uma relação imediata com a linguagem. Com base nisso, a crônica funciona como um meio de interação verbal, ela usa uma linguagem menos formal, artística, poética, para tratar os fatos diários.

Já Fargoni (1993) apontou a crônica como sendo pluridimensional, situando-se entre o Jornalismo e a Literatura.

São vários os significados da palavra. Todos, porém, implicam a noção de tempo, presente no próprio termo, que procede do grego *chronos*. Um leitor atual pode não se dar conta desse vínculo de origem que faz dela uma forma do tempo e da memória, um meio de representação temporal dos eventos passados, um registro da vida escoada. Mas a crônica sempre tece a continuidade do gesto humano na tela do tempo [...] trata-se de um relato em permanente relação com o tempo, de onde tira como memória escrita sua matéria principal, o que fica do vivido - uma definição que se poderia aplicar igualmente ao discurso da História, a que um dia ela deu lugar. (ARRIGUCCI, 1987, p. 51-52).

Com base em Arrigucci (1987), a crônica e sua relação estreita com o tempo, produz ao leitor uma afinidade ao tema, visto que muitos fatos o leitor se identifica, pois está vivendo o mesmo tempo e espaço. O que torna a leitura mais real e significativa.

Para Cândido (1992), a crônica trata de fatos corriqueiros, das vivências das pessoas. Cabe ao cronista trabalhar as palavras para que, de modo sutil, subjetivo e poético, possa se aproximar do leitor. Para ele, a crônica é amiga da verdade, da poesia, em uma forma direta e fantástica.

Assim, Sá (1997, p. 22):

Nos deleitamos com a essência humana reencontrada, que nos chega através de um texto bem elaborado, artisticamente recriando um momento belo da nossa vulgaridade diária. Mas esse lado artístico exige um conhecimento técnico, um manejo adequado da linguagem, uma inspiração

sempre ligada ao domínio das leis específicas de um gênero que precisa manter sua aparência de leveza sem perder a dignidade.

Ao elaborar a crônica, o cronista trabalha a linguagem, entrelaça palavras, brinca com os verbos, elabora um texto pessoal e subjetivo e tem como desafio transformar fatos em algo atrativo ao leitor.

[...] a crônica é um gênero de texto que procura contar ou comentar histórias da vida cotidiana. Histórias que podem ter acontecido com todo mundo, até com você mesmo, com pessoas de sua família ou com seus amigos. Mas uma coisa é acontecer, outra coisa é escrever aquilo que aconteceu. Então você deve ter notado também, ao ler a narração do fato, como ele ganha um interesse especial, produzido pela escolha e pela arrumação das palavras. A crônica nos faz conferir, pensar, entender melhor o que se passa dentro e fora da gente. Isso sem dúvida é literatura (FILIPOUSKI; MARCHI, 2009, p. 85).

Assim, alguns autores da literatura moderna e contemporânea consagraram-se como cronistas, a exemplo de Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Rubem Braga e Luis Fernando Veríssimo.

Diante disso, Araújo e Barbosa (2013, p. 325) informaram que:

Inserir o gênero textual crônica, por seu caráter informativo e descontraído, no ambiente escolar, enquanto ferramenta educacional, serve para desenvolver no educando habilidades como prática de leitura oral e escrita realizada de maneira autônoma e prazerosa.

Percebe-se que trabalhar a prática da escrita, a produção textual, é um desafio diário. Na atualidade, a dificuldade está na falta do hábito de leitura de gêneros textuais diferentes dos convencionais. Algo que aguça o potencial crítico do leitor, como é o caso da crônica.

Nota-se que, ao trabalhar qualquer que seja o gênero textual, o universo literário abre um leque de oportunidades de forma que estimula a prática da leitura.

Diante disso, antes de indicar o gênero a ser utilizado, há a necessidade de explorá-lo, de fazer conhecer qual a sua finalidade, como pode ser produzido e como pode ser socializado no dia a dia por diferentes meios de disseminação (ARAÚJO; BARBOSA, 2013).

Nesse caso, e já ressaltado anteriormente, a escolha do estudo sobre crônicas promove um aprendizado, uma forma crítica da visão dos fatos, sempre com um misto de humor ou até sarcasmo. A crônica, por si só, é um relato do

cotidiano que acabam por alimentar os meios de comunicação, tais como os jornais e revistas ou até os noticiários de TV.

Ao propor o aprendizado de crônicas, por seu caráter informativo e descontraído, a prática de sua leitura torna-se uma ferramenta que proporciona desenvolver suas habilidades pessoais, orais e escritas, realizadas sempre de forma criativa e prazerosa.

É importante ressaltar que é um gênero textual que está ligado à vivência diária do leitor e possui uma linguagem simples que aproxima este das práticas de leitura e escrita.

Dessa forma, a utilização do gênero textual crônica possibilita uma aprendizagem satisfatória e agradável, pois ela pode ser bem utilizada em oficinas de leitura e produção de texto e, se o professor fizer uma boa seleção das crônicas, elas poderão despertar o tão desejado prazer do texto (ARAÚJO; BARBOSA, 2013).

Diante disso, surgem algumas questões que podem ser trabalhadas em sala de aula, as quais visam a despertar a motivação dos alunos, além do gosto pela escrita, tudo isso com base nas características do gênero crônica.

O ENSINO DE CRÔNICA NA SALA DE AULA

Importante ressaltar que os Parâmetros Curriculares Nacionais determinam os diferentes gêneros discursivos que devem ser estudados na sala de aula. A partir do que propõe a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), os PCNs integram a literatura à leitura (BRASIL, 1996).

Assim, “a leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, e de tudo o que sabe sobre a língua e literatura” (BRASIL, 1998, 69-70).

Diante disso, os PCNs, no seu contexto, propõem o estudo de diversos tipos de textos, dentre eles, o gênero crônica, pois há uma premissa, nos PCNs, de que a primeira ou quiçá a mais importante estratégia didática para a aprendizagem está na leitura. Sem a leitura, ensina-se a ler, mas não é possível formar bons e disciplinados leitores.

A partir do que determina os PCNs, é importante ressaltar que o ensino de crônica deve estar sempre presente na sala de aula, justamente por ser um texto

curto, de fácil leitura e com facilidade de interpretação. São textos que tratam vários temas disseminados, principalmente, nos livros didáticos.

Além dos PCNs, o estudo de crônicas está enfatizado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018, em que está entre as competências do ensino da Língua Portuguesa para o ensino fundamental e médio. Em que o ensino da língua portuguesa e a formação do leitor literário faz parte da prática da linguagem e das habilidades a se formar no aluno.

No entanto, a falta de hábito de leitura é uma dificuldade enfrentada pelos professores, pois há sempre uma defasagem em relação à leitura, compreensão e interpretação por parte dos alunos. Ler é promover a interação do texto com o leitor e o mundo. No caso do gênero crônica, proporciona ao aluno estar em contato com diferentes textos, com temas diversos, levando-o a observar os fatos da vida e ampliar seu contato com diferentes suportes de leitura, de forma pontual, em ambientes virtuais.

O gênero crônica deve ser ensinado nos diferentes níveis de ensino, independentemente de ser um texto curto, em contraponto aos textos longos. Mas se deve ater aos assuntos abordados, pois os cronistas variam de acordo com a situação, conveniência e diante dos fatos. Nota-se, com isso, que há uma variedade de recursos linguísticos e literários utilizados, o que proporciona, aos leitores, um contato com formas bem elaboradas da linguagem (SIMON, 2016).

Para Cândido (1995), a literatura humaniza o leitor, e é com base nessa afirmação que o ensino de crônica pode preparar para a vida, estimulando a reflexão e contribuindo para a humanização. Isso se dá, pois a linguagem apresenta um caráter que medeia as relações humanas, sobretudo, diante dos conhecimentos que se adquire ao longo da vida, e o cronista, ao compor a crônica, relata também os fatos corriqueiros das relações interpessoais.

Para Cosson (2014, p. 21), a crônica ajuda no processo de letramento por suas características, ou seja, é um texto rico: “estudar literatura no ensino fundamental deve se basear em textos que sejam ‘curtos, contemporâneos e divertidos’”. Portanto, a crônica é um dos gêneros favoritos para a leitura escolar por tratar-se de um texto que prioriza o trabalho estético com a linguagem, além de ter, nos temas abordados, o pensamento subjetivo do autor, que utiliza o humor e a ironia.

No processo de ensino da crônica, cabe ao professor usar de metodologia adequada de modo a aprofundar o tema. E a postura do professor faz uma grande diferença, pois é importante que haja uma interação entre o professor, o aluno e o texto. A prática de leitura na escola é um diferencial, ela fomenta a leitura literária de forma prazerosa, promovendo o conhecimento e a reflexão.

O ensino de crônicas aos alunos estimula-os a tornarem-se ávidos leitores, capazes de refletirem e compreenderem o teor apresentado, sobretudo com uma prática constante de leitura, que amplie sua bagagem literária, levando a enriquecer seus conhecimentos diante da sociedade, os valores, a crença, os conflitos, a realidade e a existência. A formação de leitores ecléticos, nessa etapa de sua formação, é importante, pois oferece, ao aluno, meios de se desenvolver como pessoa crítica, sabendo discernir quando for solicitado.

Trabalhar os textos de crônicas na escola leva um conhecimento diversificado que está presente na vida dos leitores, em todo o mundo, e proporciona ampliar seu universo literário de forma a almejar saber mais e superar suas expectativas em relação ao estudo das crônicas.

Assim, de acordo com Bordini e Aguiar (1988, p. 17):

A formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra. Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito. Mesmo diante de qualquer texto que a escola lhe proponha como meio de acesso a conhecimentos que ele não possui no seu ambiente cultural, há a necessidade de que as informações textuais possam ser referidas a um background cujas raízes estejam nesse ambiente.

Ao se propor trabalhar o gênero crônica em sala de aula, é importante seguir algumas etapas, para que se tenha o sucesso nos trabalhos, além de fluir melhor o processo de ensino-aprendizagem e a apreensão do tema pelos alunos. As etapas de ensino seguem uma sequência didática.

Para Schneuwly e Dolz (2004, p. 97), “a sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas de forma sistemática em torno de um gênero textual oral ou escrito”. As sequências didáticas são um conjunto de atividades utilizadas para se estudar/ensinar um conteúdo. Para que sejam mais produtivas, devem contemplar somente um gênero textual, para que o aluno possa, nesse

aprendizado, dominar o gênero estudado, desenvolvendo as capacidades de linguagem que estão envolvidas na produção de cada gênero.

Este conjunto de atividades segue um roteiro, que, primeiro, apresenta a atividade que será desenvolvida aos alunos, seguido da produção do gênero escolhido para, enfim, elaborarem-se módulos para trabalhar os problemas que surgirem no decorrer do processo, até o final da produção e disseminação do produto, nesse caso, a crônica.

Assim, se propõe uma sequência didática, como uma atividade prática a ser trabalhada conforme indicado a seguir:

Etapa 1 - Leitura das crônicas, nesse caso, ou seja, neste artigo, serão apresentadas em forma de leitura de texto, a crônica escolhida para este estudo: *O homem trocado*, além de apresentar as características básicas que compõem o gênero em questão, ou seja, trabalham temas do cotidiano de forma cômica, dramas pessoais, familiares e sociais, num contexto de humor. A característica de humor da crônica é um facilitador no processo de motivação dos alunos a escreverem e lerem os textos. O suporte aqui apresentado para o estudo da crônica é a coletânea do próprio autor, em forma de ebook.

Etapa 2 - Fazer alguns questionamentos junto aos alunos, sobre o conhecimento deles em relação ao gênero: Como é composta a crônica? Que tipo de linguagem é empregada na crônica? Que temáticas abordam? Qual a finalidade da crônica? Onde é veiculada? Que tipo de suporte? Jornal? Revista? Internet? Livro? Como é a estrutura textual da crônica? Por serem textos narrativos, as crônicas literárias exploram alguns elementos, tais como: motivo da crônica, personagens, tempo, espaço, conflito, foco narrativo, desfecho, diálogo entre personagens, tempos verbais, além das sequências tipológicas.

Etapa 3 – Promover a produção escrita de uma crônica, a partir de orientações do professor. **E**

tapa 4 – Analisar os problemas encontrados nas produções escritas e debatê-los com os alunos, e sanar as dúvidas.

Etapa 5 – Realizar uma aula de literatura na biblioteca, onde os alunos possam explorar o gênero por meio de outros textos, a fim de se familiarizem com as características do gênero. Leitura em grupo é uma boa alternativa para interação e discussão entre os alunos.

Etapa 6 – Reescrever as crônicas produzidas na primeira vez.

Etapa 7 – Apresentar a versão final das crônicas produzidas.

Etapa 8 – Selecionar as crônicas por tema, e prepará-las para comporem um ebook.

A partir da experiência de se trabalhar a crônica por meio da sequência didática, é possível concretizar uma atividade prática apresentando um produto.

A partir das etapas assinaladas, os alunos partirão para a produção textual de uma crônica narrativa. Nesse caso, o aluno deve criar todo o universo, com personagens, espaço, tempo, fatos, discurso direto e desfecho, para que, ao final, surpreenda o leitor, de modo que ele possa rir ou chorar com a situação narrada, de acordo com a proposta do cronista.

Assim pode-se ressaltar o que Bordini e Aguiar (1988) ressaltaram: pois o primeiro passo para a formação do leitor se dá por meio de uma real aproximação desse universo massificado, ou seja, quando ele está integrado à realidade em que vive, e tira dela experiências que ampliam seu conhecimento e seu potencial criador.

Além das características essenciais para saber sobre o gênero crônica, é importante salientar que, nesse processo de ensino de crônicas na sala de aula, é possível levar, ao aluno, informações sobre crônica além do que lhe é apresentado, ou seja: a crônica é publicada geralmente em jornais ou revistas; existe ambiguidade entre texto jornalístico e texto literário?; o narrador pode ser observador ou se constituir em personagem; a crônica emprega diferentes variantes da língua; ela pode apresentar discurso direto, indireto e indireto livre.

Para realizarem-se as etapas acima, é importante utilizar os pressupostos teóricos sobre o gênero, e os PCNs serviram de base para o planejamento didático das atividades, valorizando a escrita ao longo dos anos e a importância deste estudo na formação do aluno.

Ao buscarem-se caminhos para formar leitores críticos, percebe-se que a crônica pode ser um caminho bem interessante a se seguir, pois apresenta um texto híbrido, que se funde entre a escrita e a oralidade, conforme a definição de Sá (1997, p. 11).

[...] a sintaxe da crônica lembra alguma coisa desestruturada, solta, mais próxima da conversa entre dois amigos do que propriamente do texto escrito. Tal caracterização evidencia que a crônica, por desnudar verdades, satirizar realidades, apresenta condições para desenvolver a leitura crítica, já que através de um simples recorte da realidade consegue recriá-la.

Diante disso, o autor sempre busca aproximar a oralidade na escrita, ele sempre equilibra o coloquial com o literário, de forma que haja uma magia no texto por meio do diálogo, que o aproxima do leitor.

Ao ensinar a crônica em sala de aula, deve-se informar, aos alunos, que um dos objetivos da crônica narrativa é divertir o leitor, além de levá-lo a refletir sobre os aspectos da vida cotidiana, como é o caso da crônica de Luis Fernando Veríssimo aqui destacada, pois relata uma situação cotidiana em que seu desfecho remete ao riso e à diversão.

De acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2013, p. 83):

[...] o trabalho escolar será realizado, evidentemente, sobre gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficiente; sobre aqueles dificilmente acessíveis, espontaneamente, pela maioria dos alunos; e sobre gêneros públicos e não privados.

Assim, na fase inicial dos trabalhos, o professor deve apresentar a situação e fornecer, aos alunos, as informações necessárias para conhecerem o que será trabalhado, inclusive, algumas informações sobre o autor, que, neste caso, é Luis Fernando Veríssimo, um autor gaúcho que publicou sua primeira coletânea de texto em 1973 intitulada: “*O Popular: crônicas ou coisa parecida*”. Dois anos mais tarde, publicou uma coletânea de crônicas, “*A Grande Mulher Nua*”, e uma coletânea de cartuns intitulada “*As Cobras*”. Em 1979, publicou outro livro de crônicas intitulado “*Ed Mort e Outras Histórias*”. Dentre as várias personagens criadas por Luis Fernando Veríssimo, Ed Mort, a Velhinha de Taubaté, o Analista de Bagé, Dora Avante e as Cobras são algumas que são mais conhecidas pelos leitores, justamente por serem caricatas e cômicas (UNIVERSO ONLINE, 2005).

E, ao professor, cabe informar, aos alunos, sobre os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula e os suportes nos quais se apresentam. Neste caso, a crônica está disponível por meio do *e-book* do autor dos textos.

Na crônica “*O homem trocado*”, o leitor deve estar atento à ideia central do texto, um diálogo entre um paciente e sua enfermeira. Nele, utilizam-se os verbos no modo indicativo, presente, pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito, pretérito imperfeito. Esses verbos auxiliam o autor na composição da interação entre os personagens. Como se observam nos trechos destacados na crônica, a seguir:

O HOMEM TROCADO

O homem **acorda** da anestesia e olha em volta. Ainda está na sala de recuperação. Há uma enfermeira do seu lado. Ele **pergunta** se foi tudo bem.

– Tudo perfeito - diz a enfermeira, sorrindo.

– Eu **estava** com medo desta operação...

– Por quê? Não **havia** risco nenhum.

– Comigo, sempre **há** risco. Minha vida **tem sido** uma série de enganos... E conta que os enganos começaram com seu nascimento.

Houve uma troca de bebês no berçário e ele **foi criado** até os dez anos por um casal de orientais, que nunca **entenderam** o fato de **terem** um filho claro com olhos redondos. **Descoberto** o erro, ele **fora viver** com seus verdadeiros pais. Ou com sua verdadeira mãe, pois o pai **abandonara** a mulher depois que esta não **soubera explicar** o nascimento de um bebê chinês.

– E o meu nome? Outro engano.

– Seu nome não é Lírio?

– Era para **ser** Lauro. Se **enganaram** no cartório e... Os enganos se sucediam.

Na escola, **vivia** recebendo castigo pelo que não **fazia**. **Fizera** o vestibular com sucesso, mas não **conseguiu entrar** na universidade. O computador se **enganara**, seu nome não **apareceu** na lista.

– Há anos que a minha conta do telefone **vem** com cifras incríveis. No mês passado **tive** que **pagar** mais de R\$ 3 mil.

– O senhor não **faz** chamadas interurbanas?

– Eu não **tenho** telefone!

Conhecera sua mulher por engano. Ela o confundira com outro. Não foram felizes.

– Por quê?

– Ela me **enganava**.

Fora preso por engano. Várias vezes. Recebia intimações para pagar dívidas que não fazia. Até tivera uma breve, louca alegria, quando ouvira o médico dizer: - O senhor está desenganado. Mas também fora um engano do médico. Não era tão grave assim. Uma simples apendicite.

– Se você diz que a operação **foi** bem...

A enfermeira parou de sorrir.

– Apendicite? - **perguntou**, hesitante.

– É. A operação **era** para tirar o apêndice.

– Não **era** para trocar de sexo? (VERÍSSIMO, 2001).

Nota-se que o gênero comporta uma realidade que parece ficção, pois são fatos diários que se transformam em literatura. O cronista, por meio de uma linguagem coloquial, aproxima-se do leitor diante de um relato de vida. Nesse caso, o fato ora relatado provoca surpresa aos personagens e humor a quem lê.

Assim, a classificação humorística da crônica não é algo singular, pois, para compor a crônica, o cronista precisa da narração, da descrição dos fatos e construir um diálogo humorístico. Ele sabe trabalhar bem as palavras com liberdade poética para caracterizar o texto como sendo uma crônica.

Ao analisar a crônica citada, foi possível identificar a temática, o estilo verbal e a forma como o autor fez sua composição.

Após apresentar a crônica e fazer seu estudo, podem-se apresentar as atividades que a envolverão, que têm por objetivo levar o aluno a entender a estrutura da crônica. A atividade é realizada a partir da leitura da crônica. Em seguida, os alunos debatem e discutem o tema e as características existentes na crônica. No caso da crônica aqui apresentada, pode ser feita uma interpretação escrita da crônica, como a seguir.

Nesta crônica de Luis Fernando Veríssimo, o escritor apresenta um diálogo entre um paciente e uma enfermeira em uma sala de recuperação após uma cirurgia. Assim, no decorrer do diálogo, em que a enfermeira relata sobre o sucesso do procedimento, o paciente faz um relato de sua vida desde a tenra infância.

Nesse contexto, o paciente relata, para a enfermeira, alguns fatos pontuais e absurdos que ocorreram ao longo de sua vida até àquele momento. Todos os relatos são retratados como situações de engano, que remetem a passagens se não trágicas, com pitadas generosas de humor. O texto tem, por si só, um caráter de humor ao se compreender que a palavra “desenganado”, que, no contexto real, remete a “vai morrer”, nesta crônica, tem o sentido de “desfazer os enganos” que permearam a sua vida.

E, para finalizar, e reforçando o tom humorístico da crônica, Luis Fernando Veríssimo surpreende o leitor quando a enfermeira revela mais um engano, pois o paciente, que fora “desenganado” diante da cirurgia que ora achava tinha sido submetido, provavelmente desmaiou ao saber que haviam trocado seu sexo.

Diante do que se expõe nesta crônica, mostra-se que a habilidade de escrever a crônica, pode surgir de um fato inusitado, característica típica do autor, ou seja, trazer, em suas crônicas, a leitura despreziosa, com vistas a prender a atenção do leitor, ou a partir de um diálogo bem estruturado, sendo um texto de caráter humorístico, ou um drama pessoal subentendido. É o tipo de leitura curta, que prende a atenção do leitor e que tem como função principal promover o prazer e deleite literário. E, as situações reais retratadas em suas crônicas aproximam-se ainda mais da realidade de muitos leitores. Alguns enxergam, nas crônicas, semelhanças com fatos reais.

A proposta de trabalho em cima de uma crônica foi guiada pela leitura dela, em que a participação dos alunos deve ser permeada por relatos sobre as suas experiências e vivências pessoais e de mundo. Pode-se constatar que é uma forma bem satisfatória de interação dos alunos com relação ao estudo das crônicas. O

propósito é estimular os alunos a tornarem-se ávidos leitores a partir da leitura e do conhecimento do gênero crônica.

Sabe-se que a leitura amplia e auxilia o desenvolvimento linguístico e emocional. E trabalhar o gênero crônica na escola leva a uma maior visão de mundo e aumenta o conhecimento, dando vazão às novas possibilidades e expectativas.

A análise aqui apresentada mostra traços da oralidade nas crônicas, tanto em relação aos termos constituintes da conversação quanto das estratégias conversacionais, sobretudo, da espontaneidade dos diálogos, aproximando ainda mais o leitor dos gêneros textuais existentes na literatura, sobretudo a crônica.

RESULTADOS

Ao trabalhar o gênero crônica em sala de aula, o professor pode encontrar dificuldades para despertar, nos alunos, o interesse e o gosto pela leitura. No entanto, ao deparar-se com um gênero textual que difere do que lhe é comum, ou seja, com características singulares, as quais dependem de interpretações para se entender o contexto, o aluno pode sentir-se motivado e, a partir das leituras, aprender a compreender e a interpretar a mensagem do texto.

Com base nisso, os PCNs (BRASIL, 1998, p. 21) propõem tanto a reflexão sobre o uso da língua quanto o aperfeiçoamento da leitura e da escrita por meio do ensino de vários gêneros literários, assim como suas tipologias.

Diante disso, cabe ao professor educador, que trabalha na formação do aluno, promover o desenvolvimento de suas capacidades, tanto na leitura quanto na interpretação, sobretudo no ensino do gênero crônica, que possibilita discussões no âmbito da teoria literária que fazem parte do conteúdo do Ensino Médio.

As crônicas apresentam-se como pequenos textos, que são aparentemente despretensiosos, e cumprem um papel de grande relevância na aprendizagem dos gêneros textuais, pois propiciam, aos alunos, o conhecimento destes de forma consciente e adequada às situações de vivência, interação e das práticas sociais das quais participam.

Ao trabalhar em sala de aula o gênero crônica, seja ela apresentada tanto no jornal quanto em uma coletânea de um livro, o objetivo de informar e instruir sobre o tema é cumprido, pois o aluno se torna capaz de ser um leitor crítico, interpretativo, consciente, sobretudo diante de um universo prazeroso, despretensioso e leve.

Com o aluno instruído e informado sobre o gênero crônica, ou seja, quando o aluno tem consciência dos traços que o compõem e suas características, este será capaz de escrever sobre os fatos do seu dia a dia e fazer uma reflexão sobre eles, além de ser um estímulo à leitura, ou seja, a crônica, muitas vezes, relata fatos corriqueiros, está muito próxima do leitor e tem o poder de humanizá-lo, criando elos que lhes permite dedicar-se ainda mais aos temas abordados.

Além disso, a crônica pode auxiliar na construção da identidade do aluno, ou seja, ele vai ter conhecimento sobre o corriqueiro e saberá refletir sobre eles. Ele conseguirá agir com leveza diante de uma determinada situação ou fato que reflete histórias próximas às que vive, tudo com base nos textos lidos e apresentados com uma roupagem diferente, mostrando uma situação comum vista de outro ângulo, sobretudo com tom de humor.

A crônica tem um poder diferenciado no processo de ensino-aprendizagem, pois ela, além de promover o gosto pela leitura, ela diverte, ela inspira quem lê e atrai ainda mais leitores com sua visão sobre as coisas do mundo.

Esse poder hoje remetido à crônica foi ressaltado por Cândido (1993, p. 25):

Quando vejo que os professores de agora fazem os alunos lerem cada vez mais as crônicas, fico pensando nas leituras de meu tempo de secundário. Fico comparando e vendo a importância deste agente de uma visão mais moderna na sua simplicidade reveladora e penetrante do mundo.

Essa visão de Cândido (1993) sobre o estudo da crônica ganhou reforço nos PCNs (BRASIL, 1998, p. 23), destacando que toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva sobre os fatos da vida.

Reforça-se que a escolha do gênero crônica se pauta no PCN, que afirma que o texto deve ser visto como uma forma discursiva que reflete a variedade de gêneros literários.

Devem-se criar condições para que o aluno desenvolva sua competência discursiva, ou seja, desenvolva seus conhecimentos linguísticos e os adequa às condições do texto diante das finalidades e dos objetivos do gênero (BRASIL, 1998).

Com base neste estudo, e ao conhecer a realidade escolar e confrontá-la com os fundamentos teóricos, sobretudo com base nos PCNs, é importante trabalhar atividades que desafiem os alunos a criarem e a pensarem nos objetivos que permeiam a aprendizagem do gênero crônica.

Diante disso, a leitura das crônicas de Luis Fernando Veríssimo pode ser bem produtiva, no sentido de compreender que cada crônica traz consigo a reflexão do cronista, o qual consegue descrever as situações que vivencia ou observa, satirizando, inúmeras vezes, a situação relatada.

No decorrer da leitura e interpretação da crônica aqui apresentada, pode-se identificar a situação geradora dela, o que deve conduzir os alunos a falarem de vários assuntos aos quais ela remete, o que abre precedentes para a criação de crônicas com tema semelhante.

Assim, torna-se necessário que o professor seja o mediador no estudo do gênero crônica, pois ele deve trazer, para a sala de aula, os gêneros existentes nas situações comunicativas, sobretudo aqueles presentes no ambiente escolar, de modo que o aluno desenvolva suas capacidades discursivas, com a participação efetiva do professor estimulando e desenvolvendo a participação crítica do aluno frente à linguagem e à sociedade.

CONCLUSÃO

Neste artigo, o gênero textual crônica foi analisado e exemplificado por meio de uma crônica de Luis Fernando Veríssimo com tipologia humorística bem presente. A análise discursiva da crônica foi determinante para se ter uma noção de como ensinar crônicas na escola.

O assunto abordado na crônica aqui estudada é um relato pessoal. Trata-se de um tema que está presente, por várias décadas, na literatura brasileira. Este compõe um apanhado literário que faz parte da história literária do Brasil, sobretudo com os renomados cronistas da modernidade e contemporaneidade.

Percebe-se que, no século XXI, as crônicas são apresentadas em suportes diferentes, como em *blogs* e *sites*, e chegam ao público de forma mais dinâmica, pois está sempre em movimento. Todos os dias, surgem novos escritores, novos cronistas, cada um com seu pensamento próprio e com uma linha de trabalho diferente e, por meio das redes sociais e com o uso da internet como ferramenta de estudo e ensino, o acesso às crônicas ficou mais próximo do leitor.

Diante disso, estudar as crônicas de Luis Fernando Veríssimo na escola desenvolve, no aluno, seu potencial interpretativo e crítico, pois, em cada crônica estudada, há um contexto diferente que cada aluno pode interpretar, assim como

reconhecer as semelhanças que existem na forma de escrever do autor, bem como distinguir a característica principal de cada uma.

Aprender crônicas é um direito de todos. Mesmo que esse direito não seja usufruído, negá-lo é privar o ser humano de ter acesso a um gênero literário que possibilita o aprendizado e a reflexão de forma leve e divertida.

Com base nisso, e para encerrar, a crônica é um gênero riquíssimo, diversificado, que aborda temas atuais, envolve personagens diários, lida diretamente com o anônimo e promove a identificação direta do leitor com o texto.

Além disso, estudar crônica é um caminho que estimula a produção textual. Ao ensinar os alunos o que é a crônica, suas características e levá-los a lê-la, percorre-se o primeiro passo para aguçá-los à leitura, assim como incentivá-los a escrever sobre os fatos corriqueiros e refletir sobre eles.

Assim, diante do que se propôs neste artigo, ou seja, a proposta de estudo da crônica na sala de aula, é possível desenvolver, nos alunos envolvidos, o gosto pela leitura, sua autonomia, a forma como trata a realidade e sua sensibilidade. Este gosto pela leitura e a capacidade produzir uma crônica neste contexto, é uma experiência pessoal, pois como leitora, foi a partir das leituras de crônicas que comecei a observar o mundo e dele tirar conteúdo para escrever minhas crônicas.

Este estudo não é algo fechado, encerrado, mas o primeiro passo para que os futuros e atuais professores possam fazer da crônica uma ferramenta prática de ensinar os gêneros literários, sobretudo, no contexto de desenvolver a capacidade criativa dos alunos. Talvez seja uma forma de provocar a produção de crônicas e formar novos autores.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. M.; BARBOSA, S. R. S. Crônica: gênero textual a serviço da formação de leitores. **Interdisciplinar**, Itabaiana, v. 8, n. 17, p. 325-342, jan./jun, 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1330>. Acesso em: 28 abr. 2020.

ARRIGUCCI, D. **Fragmentos sobre a crônica**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Executiva. Secretaria de Educação Básica. Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>. Acesso em: 01 jul. 2021.

BORDINI, M. G.; AGUIAR, V. T. **Literatura**: a formação do leitor, alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 15 jan. 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>

CÂNDIDO, A. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: UNICAMP; 1992.

CÂNDIDO, A. **Recortes**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

CÂNDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COUTINHO, A. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 1986.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: ROJO, R; CORDEIRO, G. S. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2013. p. 81-108.

FARGONI, A. M. S. L. A manifestação da oralidade escrita. 1993. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Estado de São Paulo, Araraquara, SP, 1993.

FERREIRA, A. B. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**: crônica. Curitiba: Positivo, 2014.

FILIPOUSKI, A. M. R.; MARCHI, D. M. **A formação do leitor jovem**: temas e gêneros da literatura. Erechim: Edelbra, 2009.

PORTILHO, G. Leve a crônica para as aulas de Língua Portuguesa. **Nova Escola**, São Paulo, jan. 2013. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2171/leve-a-cronica-para-as-aulas-de-lingua-portuguesa>. Acesso em: 30 maio. 2020.

RUFFATO, L. A crônica como gênero literário. **Rascunho**, Curitiba, 2020. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/artes-da-cronica/15018/a-cronica-como-genero-literario>. Acesso em: 18 nov. 2020.

SÁ, J. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1997.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SILBERT, S. A Crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. **Linguagem em (Dis)curso-LemD**, Tubarão, v. 14, n. 3, p. 675-685, set./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v14n3/1518-7632-ld-14-03-00675.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2020.

SILVEIRA, J. R. **O ir-remediável da invenção autobiográfica: desdobramentos do eu na escrita de Caio Fernando Abreu**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2013

SIMON, L. C. **Dois ou três páginas despreziosas: a crônica Rubem Braga e outros cronistas**. Londrina: EDUEL, 2016.

UNIVERSO ONLINE. Educação. Biografias. **Luis Fernando Veríssimo**. São Paulo: UOL, 2005. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/luis-fernando-verissimo.htm>. Acesso em: 05 dez. 2020.

VERÍSSIMO, L. F. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.